

RESUMO

O período helenístico é marcado pelo sincretismo religioso e pela propagação do que denominamos magia, enquanto *téchne*. Encontramos o relato sobre magia amorosa em muitas obras literárias, como, por exemplo, na poesia de Homero, de Apolônio de Rodes, e de Teócrito, bem como nos Papiros Mágicos Gregos. Tais relatos, entretanto, não funcionam como manuais de instrução nos dias atuais, pois necessitam de uma pessoa que tenha sido iniciada.

Neste artigo, portanto, refletiremos sobre o poder dos *phármaka* como ingredientes mágicos para a propagação do prazer e para manutenção do relacionamento amoroso, e como Platão, representante do ideal moralizante helênico, nas *Leis*, analisa tais procedimentos.

Palavras-chave: *phármaka*; magia; leis.

Desde a mais remota Antigüidade, sabe-se que as plantas são importantes fontes de alimentos e de remédios para os homens. Entre os gregos, podem-se encontrar observações referentes ao uso das plantas desde Homero, sendo as primeiras referências “científicas” encontradas no *corpus hipocrático*. Aristóteles também fez menção ao uso das plantas, principalmente para compará-las aos animais¹, mas foi seu discípulo Teofrasto² quem escreveu os mais influentes tratados de botânica na Antigüidade: *As origens das Plantas*, em seis livros, e *História das Plantas*, em nove livros. Pela observação dessas obras é possível verificar que havia, no século V a.C., um interesse acerca do tema relacionado aos tipos e usos das plantas. Dois conceitos relacionados ao uso das plantas, o *phármakon* e o de *pharmakéia*, interessam-nos sobretudo:

Phármakon, palavra que significa ao mesmo tempo remédio ou veneno, ou seja, é uma substância que pode tanto ter uma ação favorável quanto desfavorável, dependendo das circunstâncias e das doses que forem utilizadas, bem como para designar qualquer erva, substância química ou procedimento utilizado no emprego da medicina ou da magia. *Pharmakéia* era o nome atribuído à prática relacionada à elaboração do *phármakon*, para diversos fins.

A técnica para tornar-se um douto no uso das plantas na Antigüidade não é um privilégio dos médicos. Homero, na *Iliada*, relata a intervenção desses doutos no tratamento dos feridos, como Pátroclo, no canto XI, 844-848, que, ao encontrar Eurípilo ferido na coxa por uma seta, atende ao seu pedido, prestando-lhe auxílio por meio do uso de raízes:

Então, fê-lo deitar-se e, com uma faca, cortou a aguda flecha cravada na coxa e lavou o escuro sangue com água quente. **Esfregou nas mãos uma raiz**

amarga que suprime a dor e colocou-a sobre a ferida, e as dores cessaram. Então a ferida secou e o sangue estancou.

Homero não deixa claro em seu texto a origem desse conhecimento, mas afirma que Pátroclo aprendeu a utilizar as ervas com Aquiles, que por sua vez aprendeu com Quiron³, como podemos verificar nos versos citados abaixo:

Salva-me, leva-me para a negra nau, tira a flecha de minha coxa, lava o escuro sangue com água quente e espalha por cima favoráveis *phármaka*, bons, que segundo dizem ficaste conhecendo por intermédio de Aquiles, o qual adquiriu seus conhecimentos de Quiron, o mais virtuoso dos centauros. Os médicos Podalirio e Macoaonte, creio que um está ferido nas tendas, precisando ele próprio de um bom médico, e o outro enfrenta o colérico Ares na planície troiana. (Il. XI, 828-836)

O autor da *Ilíada* também já identifica a existência desse conhecimento, no canto XI, 739-741, quando narra, na fala de Nestor, a batalha dos Pílios e Epeus, na qual o herói mata o lanceiro Moulío, marido de Agamede, “aquela que conhecia todas as drogas que crescem na vasta terra”. Homero nada mais fala sobre essa mulher em seu relato.

Contudo, é na *Odisséia* que encontramos várias citações sobre a prática do uso das drogas ou ervas, algumas vinculadas, principalmente, aos freqüentes contatos com o Egito, como podemos observar no canto IV, 219-232, em que vemos Helena utilizar os conhecimentos que adquiriu com as mulheres egípcias ao misturar uma droga ao vinho para aliviar a cólera, a dor e a lembrança dos males que afligiam Telêmaco e os demais presentes, por causa da falta de notícias de Ulisses. A fabricação de poções mágicas ficou conhecida na Grécia por ser uma habilidade associada ao âmbito feminino.

O poeta não cita o nome da planta utilizada por Helena, mas refere-se a ela com o termo comum *phármakon* e com o adjetivo *nepenthés*, calmante. A respeito disso, Diodoro da Sicília (2001: I, 97, 7), escrevendo sobre as relações entre Grécia e Egito, menciona que o conhecimento de Homero relacionado às plantas se deve a uma possível passagem do poeta pelo país do Nilo e sugere-nos que:

... principalmente o remédio de Telêmaco elaborado por Helena em casa de Menelau o fez esquecer de todos os males. Parece ter examinado cuidadosamente o remédio “nepenthes”, que afirma ter Helena recebido em Tebas, no Egito, de Polidamna, mulher de Tão; dizem, há muito, que somente entre as dióspolitanas foi descoberto o remédio contra a cólera e a dor. Tebas e Dióspolis são as mesmas cidades.

Os versos 219-232 do canto IV da *Odisséia*, portanto, demonstram que o Egito, já em Homero, é nos apresentado como o país da magia e a pátria da medicina

e, ainda segundo o poeta, um lugar rico em toda a sorte de drogas, “algumas benéficas outras funestas em seus efeitos” (v. 230). Essa crença foi ampliada no período helenístico, visto que, na Alexandria do Egito, encontramos um sincretismo associado às práticas mágicas, que enfocava, sobretudo, o controle da natureza por parte de um indivíduo que detinha conhecimento e técnica, neste caso, relacionado ao uso de plantas.

Essa *téchne* que torna alguém capaz de conhecer e utilizar os efeitos terapêuticos das plantas, manipulando-as, era utilizada para diversos fins. Podemos comprovar o efeito funesto das drogas, por exemplo, em Eurípides (*Medéia*, 380-409) que, ao citar os diversos meios que poderiam ser utilizados por Medéia para eliminar os seus inimigos, diz ser o escolhido o uso de *phármaka* (com drogas matá-los). Esse tipo de sabedoria era possuído pelas mulheres é registrado por Eurípides, como uma habilidade passível de realizar muitos males.

Ainda na *Odisséia*, nos versos 231 e 232 do canto IV, o poeta enfatiza o conhecimento dos homens egípcios, pois afirma que “todos os homens são médicos lá, distinguindo-se muito, pelo saber, dos demais, pois descendem da raça de Péone⁴.”

O poeta também relata que Menelau visitou o Egito em seu retorno de Tróia (*Odisséia* VI, 351 e segs.): “Sete anos andei peregrinando antes de regressar; em minhas viagens, visitei o Chipre, a Fenícia, o Egito, os Etíopes, os Sidônios e Erembos, e a Líbia...”.

Heródoto parece ser da mesma opinião de Homero, e a explicita no livro II-84, afirmando que no Egito encontram-se médicos para todos os males. Percebemos que a magia, tanto grega quanto egípcia, freqüentemente, trafega em torno da medicina. Por vezes, ela irá curar certos males e empregará toda uma farmacotécnica. Mesmo que não possamos identificar todas as razões e empregos de determinados tratamentos com a utilização das plantas, podemos perceber que não se trata de medicina propriamente dita, mas de práticas terapêuticas que foram qualificadas de mágicas e cuja eficácia dependia, muitas vezes, da capacidade sugestiva da feiticeira. Entretanto, segundo Graf (1994: 44), há uma delimitação para o campo de ação dessas duas práticas: para a magia, qualquer mal, inclusive a doença, é oriundo dos deuses, enquanto para a medicina, todos os males têm causas naturais, desvinculadas, portanto, do mundo divino.

A relação entre magia e medicina evidenciou-se entre meados do século V a.C. e princípios do IV a.C. Nesse período, observou-se uma nova forma de lidar com as enfermidades humanas, sendo a medicina tratada com uma técnica, ou rotina, em que se combinava experiência e reflexão. Tal técnica podia ser ensinada, como podemos observar na obra *Sobre a medicina antiga*, na qual Hipócrates pretendeu criar uma metodologia médica desassociando-a da filosofia e, ao mesmo tempo, pretendeu desenvolver a temática de que a enfermidade tem causas exclusivamente naturais⁵. Alsina (1982:58), em sua análise sobre a medicina grega,

conclui que podemos chamar a medicina antiga de racional, mas não científica, no máximo pré-científica, pois ela serviu de ponte entre o que designamos magia e o que estabelecemos como processo científico.

Inicialmente, utilizavam-se procedimentos mágicos, acreditando que, por meio de um sortilégio, seria possível expulsar doenças ou espíritos malignos que provocavam a enfermidade, e só depois deste procedimento se entrava com a parte terapêutica. Com a medicina, esses poderes vinculados à figura de um *pharmakís* vão sendo substituídos por meios naturais, ou seja, o enfermo elimina sua doença pela urina, pelo vômito, pelo suor, etc. Em resumo, com Hipócrates a medicina buscou desvincular-se dos traços mágicos e supersticiosos para ampliar seu campo de atuação, apoiando-se na observação e na experiência.

Podemos observar também a estreita ligação existente entre as práticas egípcias⁶ e a técnica das herbolárias, mulheres que conheciam as plantas medicinais. O primeiro registro sobre o uso de plantas surge no Egito, por volta de 2.600 ou 2.100 a.C., com a descoberta do papiro de *Ebers*. Esse papiro apresenta uma listagem de 800 plantas, incluindo especiarias⁷. Entretanto, há outros papiros egípcios em que encontramos descrições sintomatológicas acompanhadas de receitas e fórmulas mágicas. Os principais são o de *Smith* (descoberto em 1862), o de *Hearst* (descoberto em 1899), o *Chester-Beatty* (dinastia XIX), o papiro *médico de Berlin* e o *médico de Londres*. Essa documentação oriental, associada a alguns textos, como, por exemplo, os de Homero, comprovam-nos a existência de terapias mágicas utilizadas para a cura, que por vezes são completamente naturais, sem a indicação de invocações ou ritos.

Podemos observar este uso natural, ou seja, o poder das ervas ou drogas, como prática reconhecida e respeitada na Grécia, em Homero – fato comprovado pela referência, no canto II da *Odisséia*, vv.325 a 330, ao possível uso das drogas pelos pretendentes de Penélope, temerosos de que o jovem Telêmaco as utilizasse para os destruir:

Sem dúvida, Telêmaco pensa em nos matar. Tão forte é o seu desejo, que trará auxiliares da arenosa Pilo ou de Esparta, a não ser que planeje ir aos férteis campos de Éfira⁸, em busca de **funestas drogas**, que derramará na cratera, a fim de a todos nós matar.

Ainda em Homero, na *Odisséia*, encontramos duas personagens, Calipso e Circe, conhecidas como *pharmakídes*.

No canto XXIII, 321 da *Odisséia*, Ulisses, após retornar a Ítaca e retomar seu palácio, faz referência a uma qualidade dessa personagem ao contar a Penélope as aventuras de sua viagem, narrações anteriormente feitas no palácio de Alcino, e como as “astúcias e mil artifícios de Circe” o auxiliaram. Assim como Ulisses, Circe também recebe de Homero o epíteto de *polyméchanos* ou seja, fértil em invenções.

Medéia, portanto, ficou conhecida desde a Antigüidade como *xeína panphármakos*, estrangeira hábil em todas as drogas, a quem Píndaro descreve preparando uma mistura mágica: “Ela mistura azeite com ervas capazes de (Jasão) protegê-lo contra as terríveis dores e lhe dá o unguento” (IV *Pítica*, 221 e segs.).

A *téchne* mágica de Circe é baseada no conhecimento em relação às plantas, como podemos comprovar nos versos de Homero:

Ela mandou-os entrar, ofereceu-lhes cadeiras e tronos, e, em seguida, preparou uma mistura de mel fresco, queijo e farinha de cevada com vinho de Pramno; acrescentando à bebida **drogas funestas**, a fim de que se esquecessem completamente da pátria. Tendo-lhes dado a mistura, e depois que todos beberam, com uma vara os tocou e prendeu-os nas pocilgas. (*Odisséia* X, 233-238)

O conhecimento dos remédios vegetais, dos venenos e dos efeitos que os mesmos produzem, de acordo com a dose em que for utilizada, já era muito desenvolvido, segundo Olga Rinne (1995:49), nas culturas matriarcais, “conforme revela claramente o fato de que o cólquido, o acônito, o salgueiro prateado e o zimbro eram relacionados com a tríade Hécate-Circe-Medéia. Essas plantas contêm substâncias antiinflamatórias, analgésicas e antitérmicas (colquicina, aconitina, ácido salicílico, óleos etéreos), que ainda hoje são utilizadas em medicina”.

Segundo Richard Gordon (2004:179), os cortadores de raízes, ou seja, aqueles que se especializavam na coleta, preparação e venda de uma vasta gama de plantas medicinais e de outras espécies, tinham reconhecimento na Antigüidade. Gordon ainda cita os relatos de Teofrasto (*História das Plantas*, livro IX) e de Plínio, o velho (*História Natural*, livros XXIV-XXVII), que mencionam o conhecimento das regras/técnicas utilizadas por esses cortadores e acrescenta:

Instruem que, ao cortar algumas raízes, a pessoa deve ficar na direção do vento – por exemplo, ao cortar tépsia [talvez *Thapsia* gargânica, cenoura mortal], entre outras – e ungir-se antes com óleo, pois o corpo incha se ficar no sentido contrário. Além disso, algumas raízes devem ser colhidas à noite, outras, durante o dia, e algumas, antes de serem atingidas pelo sol...

Assim como as feiticeiras, os cortadores de raiz eram considerados capazes de agir tanto para o bem quanto para o mal, pois muitas raízes que eles colhiam e fórmulas que preparavam, eram reconhecidas como venenosas, mesmo que pudessem ser administradas para a cura.

Os textos citados neste capítulo nos indicam várias mulheres, como Helena, Agamêde, Circe e Medéia, que detinham certo conhecimento e domínio de ervas. Entretanto, observamos que esta *téchne* não se refere somente às mulheres míticas, mas às cidadãs atenienses ou estrangeiras que aprenderam a utilizar as

plantas e ervas com fins terapêuticos⁹, acreditando serem mágicas as suas atribuições.

Podemos conferir a descrição desta prática ainda com os versos de Teócrito (310-250 a.C.), que, em seu idílio de número II, *Pharmakeutriai*, apresenta um monólogo em que vemos uma mulher de nome Simaetha tentar reconquistar o ente amado, que a abandonou, por meios mágicos. Após consultar alguns profissionais, resolve, ela mesma, realizar um ritual mágico. Teócrito descreve esse ritual e cita os ingredientes utilizados: algumas pitadas de cevada, folhas de louro, farelo de trigo, cera, líquidos (vinho, leite ou água) para libações, além de pata-de-potro (uma erva) e um lagarto em pó. Simaetha, que possuía um pedaço do manto de seu amado, parte-o em tiras e o lança às chamas. Para completar o ritual, dirige vários encantamentos e conjurações à lua cheia, que está no céu, e a Hécate, nos confins subterrâneos da terra.

O desenvolvimento das crenças e práticas mágicas na Grécia oferece numerosos exemplos de tensões e interações entre os diversos níveis da sociedade. Com o surgimento da filosofia e da ciência, ou seja, a partir do séc. VI a.C., a magia passa a ser definida, sobretudo no séc. V a.C., como uma prática “marginal” por possuir um caráter individual e não buscar a coesão social presente na religião cívica (Cf. VERNELL, 1991:178.), já do período helenístico em diante, entretanto, surge uma nova visão de magia, principalmente no que se refere ao conceito de magia natural¹⁰. Este saber se estendeu ao campo da sexualidade, visto que algumas plantas por conta de suas origens e formas foram rotuladas de afrodisíacas¹¹ e utilizadas como instrumentos de sedução e propagação do prazer. Entretanto, a ciência moderna confirmou que muitos mitos que nortearam a crença no poder dessas plantas são verdadeiros, pois a boa disposição sexual é propiciada pelo efeito benéfico da planta sobre a circulação sanguínea e como fonte de energia. Um exemplo de planta utilizada para esses fins é a orquídea, em latim Orchidaceae (derivado do grego Orchis).

O Termo Orchis, que significa testículos, foi usado pela primeira vez por Theofrasto (c. 372 - 287 a.C.), filósofo grego, discípulo de Aristóteles. Theofrasto comparou as raízes tuberosas de algumas orquídeas mediterrâneas com os testículos humanos. As suas raízes eram utilizadas no preparo de poções mágicas: as frescas para promover o amor, as secas para provocar paixões.

Também temos registros de que vários contraceptivos foram utilizados por volta de 1600 a.C., pois durante o reinado de Minos de Knossos, em Creta, se utilizavam como preservativos bexigas natatórias de peixes. A mitologia grega nos apresenta a história do rei Minos, filho de Zeus e Europa, que ao se casar com Pasiphê teve, por conta da sua infidelidade, a sua semente, em grego *sperma* amaldiçoada. Minos, a partir de então passou, a ejacular serpentes, escorpiões e lacraias. Todas as mulheres com que o monarca se relacionasse mais intimamente morriam - com exceção de Pasiphê, imune ao seu próprio feitiço. Minos entretanto apaixonou-se

por Procris e esta, para evitar que a consumação da paixão fosse fatal, inventou o primeiro preservativo feminino utilizando uma bexiga de cabra.

Como contraceptivo os gregos também utilizaram uma planta selvagem a que chamaram silphion, proveniente de Celene, hoje Líbia, que ficou conhecido como o primeiro contraceptivo oral de que se há registro.

O silphion¹² dos gregos corresponde ao laserpitium dos latinos, planta africana encontrada na península Cyrenaica. Pesquisas modernas sugerem

que o suposto silphion seria simplesmente a vulgar Thapsia garganica, uma planta medicinal, mas de qualidades diversas da antiga, a qual se deve julgar extinta.

Salientamos também a importância do papiro ginecológico de Kahun¹³, escrito há quase 4.000 anos, e que registra a descrição do que seria a primeira poção contraceptiva: «A mulher misturará mel com cinza da barrilheira e excremento de crocodilo, a que juntará substâncias resinosas, aplicando um dose do produto na entrada da vagina, penetrando um pouco nela”.

Merece destaque também o fato de que a magia não era uma prática restrita a um determinado nível da sociedade, mas como nos demonstram os textos literários, que descrevem alguns procedimentos mágicos, tratava-se de um uso que transpassava toda a sociedade grega, principalmente a do período helenístico, por ser fruto de um “conglomerado sincrético¹⁴” formado pelos diversos povos que habitavam a Alexandria do Egito.

Platão, em *Leis* XI, 932e-933b, já enumera os principais procedimentos mágicos, no séc. IV a.C., e a difícil tarefa de analisar essa *téchne*:

Quanto aos malefícios que uns podem causar aos outros por meio de drogas já tratamos dos de conseqüências letais; mas ainda não falamos dos incômodos provocados intencionalmente e com premeditação por meio de bebidas e alimentos ou com unguentos. O difícil na presente exposição é que há no gênero humano duas espécies de envenenamento: uma é a que acabamos de nos referir, e que consiste em causar dano ao corpo pela ação natural de outros corpos; a outra, por meio de sortilégios encantamentos e o que se denomina ligadura, chega a persuadir aos que querem causar danos a terceiros que o conseguirão com tal recurso, como também convence a estes últimos que ninguém lhes pode ocasionar tanto mal como as pessoas conhecedoras de artes mágicas. O que possa haver de verdadeiro em tudo isso não é fácil conhecer, nem depois de sabido, deixar aceitável para ninguém; dada a desconfiança reinante nos espíritos a respeito de tais assuntos, não vale a pena procurar convencê-los, sempre que encontrarem na porta de casa bonequinhos de cera, ou em encruzilhadas, ou talvez mesmo sobre a sepultura de seus antepassados, de que não devem dar a menor importância a essas práticas, pois acerca de tudo isto ninguém têm opinião formada.

Platão questiona a eficácia dessas profissionais de magia cujas habilidades

eram difíceis de se averiguar, analisar ou compreender, sendo a profissional julgada pela eficiência ou pelos danos causados por sua prática. Acreditando também que a punição relacionada a estas práticas e a seus praticantes esteja baseada no resultado advindo das mesmas, que nem sempre acarretava em proveito àquele que solicitava um benefício mágico. Portanto, por temer a extensão do poder dessas práticas, os atenienses puniam seus praticantes, na maioria dos casos, mulheres estrangeiras, como uma forma de se precaverem.

Entretanto, o conhecimento das ervas, sejam elas afrodisíacas ou não, era utilizado pelas mulheres de diferentes níveis sociais, em forma de banhos e unguentos e podiam causar problemas na virilidade masculina, quando se tratava de unguentos contraceptivos que podiam fomentar a impotência masculina e algumas vezes até a morte.

Não havia, portanto, regras precisas para a busca pelo prazer, o que existia era um cuidado com a intensificação e domínio deste e, talvez, uma tentativa de identificar os homens a partir de sua conduta sexual.

Traçar, portanto, um paralelo entre práticas sociais, magia e medicina faz parte de uma nova pesquisa que tentará delinear esse percurso através da análise da obra *gynaikologia* de Hipócrates. Nesta obra, o médico grego analisa a *physis* feminina e apresenta um glossário de *phármaka* terapêuticos que, ao final da tradução, talvez permita-nos entender o receio existente no uso de algumas drogas, receio que o poeta Ovídio consagrou em seus versos:

Se alguém pensa que as ervas malélicas da Hemônia e as artes mágicas podem servir de alguma utilidade, o problema é dele. Esse caminho do malefício é proibido. Apolo oferece-nos, com sua inspiração sagrada, recursos inócuos. Sob minha orientação, as sombras não serão convocadas a erguerem-se de seus túmulos; uma velha não romperá a terra com baixa feitiçaria; as plantações não serão transportadas de um campo para outro. o disco de febo não empalidecerá subitamente [...] de que serviram, princesa de Cólquida, as plantas do Fásis, quando desejava permanecer na casa paterna? De que te valeram, Circe, as ervas de Perseide, quando o vento favorável levou os navios de Nérito? [...] Tu, pois que buscas para ti socorro em nossa arte, deixa de ter fé em sortilégios e magias. (OVÍDIO, *Remédios para o amor*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALSINA, JOSÉ. *TEORIA LITERARIA GRIEGA*. MADRID: EDITORIAL GREDOS, 1991.

_____. *LOS ORÍGENES HELÉNICOS DE LA MEDICINA OCCIDENTAL*. BARCELONA: EDITORIAL LABOR, S.A. 1982.

CANDIDO, Maria Regina. *A feitiçaria na Atenas clássica*. Rio de Janeiro: FAPERJ,

2004.

_____. *Mulheres estrangeiras e a prática da magia na Atenas do IV século a.C.* In: FUNARI, A. (Org.).

Amor, desejo e poder na Antigüidade. Relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Unicamp, 2003.

DIODORO DE SICILIA. *Biblioteca Histórica. Livros I-III*. Traducción de F. Parreu Alasà. Madrid: Gredos, 2001.

ESCOHOTADO, A. *Historia general de las drogas*. Madrid: Editorial Espasa, Calpe, 1998. Vol. 1.

EURIPIDE. *Médée*. Texte établi et traduit par Loius Méridier. Paris: Les Belles Lettres, 1925. Tomo I.

HERÔDOTOS. *História*. Intr. e Trad. de Mario da Gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1988.

HIPPOCRATE. *De l'ancienne médecine*. Paris: Les Belles Lettres, 1990. Tome III.

HIPOCRATES. *Sore la Medicina Antigua*. In: *Científicos Griegos*. Madrid, Aguilar Ed., 1970. Pp. 110-132.

HOMÈRE. *Iliade*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

_____. *The Odyssey*. London: Loeb Classical Library, 1976.

LUCK, Georg. *Bruxos, bruxas e feitiçeiros na literatura clássica*. In: *Bruxaria e Magia na Europa: Grécia antiga e Roma*. São Paulo: Madras, 2004. Pp.103-156.

_____. *Arcana Mundi: Magia y ciencias ocultas em el mundo griego y romano*. Madrid: Gredos, 1995.

OVÍDIO. *Remédios para o amor*. Tradução, introdução e notas de Antônio da Silveira

Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PLATON. *Les Lois*. Texte établi et traduit par Auguste Diés. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

TEOFRASTO. *Historia de las Plantas y Causas de las Plantas*. In: *Científicos Griegos*.

Madrid, Aguilar Ed., 1970. pp. 667-676.

VERSNELL, H. S. *Some Refleitions on the Relationship Magic-Religion*. Numen.

NOTAS

¹ Aristóteles, em sua *História (ou investigação) dos animais*, sugere a teoria mágica de simpatias ou antipatias no mundo animal decorrente da influência dos astros, ou seja, ele acreditava que os astros influenciavam na vida sobre a terra.

² Teofrasto, nascido em 372 a.C., enfoca, nessas obras, a reprodução dos vegetais e os fenômenos naturais que interferem nesse processo.

³ Quíron era o nome do centauro que habitava uma gruta do Monte Pélion, na Tessália. Cronos, seu pai, transmitiu-lhe conhecimentos de medicina, magia, arte de adivinhar o futuro, astronomia e música. Foi incumbido da educação de vários príncipes e heróis, entre os quais se destacam Aquiles, Jasão e Asclépio.

⁴ Péone: divindade conhecida como médico dos deuses ou divindade que livra dos males e de tudo que pode afligir. Também ficou conhecido como epíteto de Apolo, mas algumas vezes é empregado como epíteto de outros deuses, como Zeus, Dioniso, Hélio e Asclépio.

⁵ Cf. ALSINA, 1982:54.

⁶ Além disso, podemos também observar a similaridade existente entre as duas culturas nos diversos níveis da magia, como por exemplo, na relação existente entre os encantamentos contidos nos PGM, papiros de magia grega, e os encantamentos egípcios, mesmo que reflitam um pensamento anterior ao grego. Cf. LUCK (1995:19).

⁷ Segundo A. ESCOHOTADO (1998:77), o estudo deste papiro é de suma importância para o estudo das plantas na Antigüidade; contém quarenta e seis diagnósticos e cerca de cinquenta receitas misturadas a uma infinidade de fórmulas mágicas e astrológicas. Como exemplo de cura, Escohotado cita a história, encontrada no papiro de Ebers, da sacerdotisa Tefnut, que curou a enxaqueca do deus Rá empregando um chá de ervas, possivelmente a *papaver somniferum*. Entretanto, até a presente data, não existem evidências de que estas ervas cresciam naquela época no Nilo, o que o leva a crer que possivelmente a erva utilizada teria sido a *papaver rhoeas*, a amapoula vermelha, que aparece nas representações murais e nos desenhos paleobotânicos.

⁸ O poeta Eumelo de Corinto diz que Eetes reinou em Éfira, antigo nome de Corinto, país que entregou a um irmão ao voltar para a Cólquid, fato que corrobora ser esta terra conhecedora da manipulação das ervas.

⁹ As mulheres não utilizavam as ervas somente para fins terapêuticos (como, por exemplo, para conter problemas menstruais e secreções vaginais ou como calmantes e contraceptivos), mas também as utilizavam para fins sexuais, neste caso, podendo trazer danos à virilidade masculina, provocando a impotência e, se ingeridas, até mesmo a morte. Cf. CÂNDIDO (2001:257-258).

¹⁰ O conceito de magia natural está vinculado ao conhecimento da coleta e da preparação de todas as espécies de plantas, medicinais ou venenosas, bem como outros preparados que

derivam de partes de animais.

¹¹ Em virtude dessas semelhanças, o médico grego Dioscórides, que viveu no século 1 D.C. e estudou as propriedades farmacológicas de aproximadamente seiscentas plantas, considerou que as raízes das orquídeas tinham virtudes afrodisíacas. Em sua obra “Das Coisas Médicas” ele dizia: “se a raiz maior for comida pelos homens, ela os fará procriar crianças do sexo masculino, enquanto a menor, sendo ingerida pelas mulheres, as fará conceber crianças do sexo feminino”.

¹² Na antiga Cirenia – região da Líbia – as moedas datadas de 300 a.C. tinham a imagem da planta “Silphion”. A estampa serve para demonstrar o quanto as sociedades do Mediterrâneo valorizavam o vegetal, principalmente por causa de suas supostas capacidades terapêuticas. Hoje, quem procurar um pé de “Silphion” só vai encontrá-lo nas moedas raras. A planta está extinta e seus poderes de cura são desconhecidos. In: <http://www.terra.com.br/istoe/comport/151311b.htm> Plínio, o velho, (s. I d.C.) descreve na sua *Historia natural* as funções do Silphion e as possíveis causas do seu desaparecimento.

¹³ O papiro Kahun é um texto que nos fala da ginecologia, que trata dos órgãos de reprodução, concepção, testes de gravidez, o parto e a concepção. In: http://www.natureduca.com/med_hist_herborist1.php.

¹⁴ Cf. Luck (1995: 21).